

## O MITO NA LITERATURA ESPANHOLA

Pedro Paulo Montenegro

O mito conta. “O mito é uma narrativa”, ensina Micea Eliade em sua obra *Aspectos do Mito*.

Conclui-se, então, ser o mito o sistema dinâmico de símbolos e arquétipos, com tema que sob o impulso de um esquema, tende a organizar-se em narrativa.

Ensina André Jones, em sua trabalho *Formas Simples*: “O mito relata como, graças às façanhas dos seres sobrenaturais, uma realidade chega à existência, seja a realidade total, o Cosmo, ou somente um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. Portanto é sempre uma narrativa de uma criação”. Conta-se como alguma coisa foi produzida, como começou a ser.

Philippe Sellier, em artigo publicado em 1984 na revista *Littérature*, observa que quando se passa do mito ao mito literário, determinadas características desaparecem e outras permanecem. Assim, o mito literário não funda nem instaura nada; as obras que o ilustram são em princípio assinadas; e evidentemente o mito literário não é considerado verdadeiro. Toda obra literária não é uma realidade, mas uma supra-realidade.

Sellier esclarece ainda que há, inicialmente, os “mitos literários recém-nascidos”, como algumas narrativas literárias de prestígio originadas no Ocidente moderno: *Tristão e Isolda*, *Fausto*, *Don Juan*, *Dom Quixote*.

Pode-se ter a impressão que o mito nasce da própria literatura, que foi preciso a imaginação do padre-poeta Tirso de Molina ou de Miguel de Cervantes, ou de Goethe.

Não é difícil reconhecer elementos míticos nos roteiros constitutivos destas grandes narrativas: o filtro, como no mito de *Medéia*; o pacto com o Diabo; a estátua de pedra; o cavaleiro da Justiça e da Esperança.

Um escritor mitopoético arranja conscientemente um quadro ou fundo mítico para a sua obra. Assim, por exemplo, em *A Serpente Emplumada*, D.H.Laurence serviu-se dos antigos mitos

do México para explicar o comportamento primário que arruinou a existência de europeus educados. *Moby Dick*, de Melville, é de certo modo, um mito criado, porque a sua criação é símbolo dum conflito primordial. William Yeats, T.S.Elliot e William Faulkner revelaram-se também escritores mitopoéticos em algumas de suas obras.

Destaquemos, agora, alguns mitos literários na Literatura Espanhola.

### **La Celestina**

É uma tragicomédia produzida na época dos Reis Católicos, Fernando e Isabel (1474 – 1504), provavelmente em 1492.

A obra é conhecida com o título de Comédia de Calisto e Melibea e sua primeira edição conhecida é de Burgos, em 1499.

O autor, segundo acróstico dos versos finais da edição de 1501, é Fernando de Rojas. Muitas, porém, são as dúvidas que envolvem a obra que continua lida e estudada e criou um mito significativo na literatura espanhola: Celestina.

Na primeira cena dos amantes: Calisto e Melibea, acontece a morte trágica de Calisto e o suicídio de Melibea.

O tom da obra se ajusta às circunstâncias de seu tempo. As sátiras aos costumes dos eclesiásticos aparecem nas cenas de Celestina. Não faltam cenas de magia, sentenças de filósofos clássicos, cultura greco-romana e italiana, típico do fim da Idade Média.

Celestina é o tipo da alcoviteira que ora estimula o amo, ora envenena-o.

Entra na literatura espanhola e em outras como um mito crescente e atuante, capaz inclusive de influenciar a literatura de tendência pornográfica.

### **Don Juan**

Jean Massin observou que Dom Quixote é um mito que não muda. A esse mito se opõe o de Don Juan que depois de lançado pela Comédia de Tirso de Molina, *El Burlador de Sevilla* (O Embusteiro

de Sevilha), por volta de 1630, passou por muitas transformações até chegar-se a Byron e ultrapassá-lo como mito que é. Tirso de Molina era o pseudônimo, ou nome literário de Fray Gabriel Téllez, da ordem da Merced (Mercedário).

O mito literário de Don Juan permite uma grande liberdade de tratamento. Sua vocação, em consequência de sua origem, é teatral, mas pode ser o tema de longos poemas – o Don Juan de Byron – ou curtos: Infância de Don Juan, Escolha de Don Juan, de Rilke; Don Juan aux Enfers, de Baudelaire; de contos e novelas: Don Juan, devaneio de um viajante entusiasmado, de Hoffmann (1813); Les Ames du Purgatoire, de Merimée (1834) ou até de romances La Vie voluptueuse de Don Juan, de Roger Faïrelle (1973); Terra Nostra, de Carlos Fuentes (1977).

Um escritor se interessa somente por um fragmento da vida do herói: O Convidado de Pedra, de Puchkin (1830), outros se detêm a contar, como Byron, sua vida de princípio a fim, com risco de ceder aos caprichos da fabulação.

Escreveu Menéndez y Pelayo que “El Condenado por Desconfiado, de Tirso de Molina é o primeiro dos dramas de nosso teatro (espanhol) e que depois de Shakespeare, não houve outro criador de caracteres que tenha demonstrado possuir mais força e energia do que Tirso de Molina”.

Don Juan era um tema vivo que com Tirso toma qualidade literária para repetir-se com variações, conservando, porém, o valor essencial do mito, até hoje.

Por proceder de uma criação vital antes que literária, Don Juan não chega à perfeição acabada, lograda, nem tampouco morre. Permanece sempre, chapéu de plumas e espada ao cinto, em todas as encruzilhadas das épocas, pronto para empreender novas conquistas, mas também para evadir-se, como por milagre. Nele lutam o espírito da vida e do sexo – Eros – e o espírito da morte – Tânatos.

Don Juan é ao mesmo tempo um mito atraente e repugnante. Exprime o desejo universal de romper as barreiras, burlar as normas e dar liberdade aos instintos mais primários, esquecendo as convenções sociais. A liberdade de Don Juan é atraente, pois não existe norma alguma que o detenha. Ele vive sem remorsos a sua promiscuidade, desfrutando de sua fogsidade juvenil.

É óbvio que na Espanha imperial e católica dos Habsburgo uma peça teatral que retratasse uma figura com tais características só poderia acabar com a punição exemplar do protagonista. A condenação de Don Juan ao inferno.

Mas o inferno real de Don Juan é mais psicológico do que escatológico. Não é o castigo eterno nas profundezas do Averno que acaba com a trajetória vital do aventureiro. As chamas que corroem a alma do galã são as da sua própria psique. Don Juan é o caso quase patológico do indivíduo incapaz de se aceitar como ele é e compreender as limitações da condição humana. Sua sede de volúpia, o ardor quase esportivo que ele concentra nas conquistas amorosas e o prazer que lhe dá a traição revelam uma personalidade muito frágil. Don Juan tem que enganar as mulheres e tirar partido delas porque no fundo não é capaz de lidar consigo mesmo. E quanto mais mulheres ele conquista, mais vazio sente no interior de seu próprio ser.

## O Cid

Dos grandes mitos literários espanhóis, só o do Cid baseia-se em personagem histórico. Trata-se de O Cid Campeador, ou seja o Senhor (Cid) que domina os campos de batalha (Campeador). O personagem é Rodrigo (Ruy) Diaz de Vivar porque nasceu em Vivar, próximo a Burgos.

No momento do que se chamou “Apogeu da epopéia castelhana” aparece Mio Cid como obra já perfeita. Foi composta por volta de 1140 e está conservado em cópia do começo do século XIV, devida a Per Abbat.

A Matéria da obra se distribui em três partes ou cantares. Seus temas são respectivamente o desterro do herói, as bodas de suas filhas e a “afronta de Corpes”.

O cantar terceiro destaca dois momentos dramáticos: A cena do bosque de carvalhos (robledo) de Corpes, quando as filhas do Cid são açoitadas e abandonadas por seus covardes esposos e sentem falta do pai. Este voltará para vingá-las.

Mio Cid é a expressão típica do espírito de Castela nascente, cujas características perduram na grande Espanha posterior.

O tipo do Cid, com sua longa barba branca, corajoso, empreendedor, generoso e cheio de orgulho é o tipo definitivo da raça transformado em mito para a posteridade.

E como mito literário emigrou para a França com Corneille, compondo uma tragédia.

O público universal comparou o Cid a Romeu e Julieta, de Shakespeare, ou a Tristão e Isolda.

E os poetas, no século XIX também exploraram o tema: Théophile Gautier evoca, em Espanha o monastério onde repousa o herói; Barbey d'Aurevilly um Cid misericordioso debruçando-se sobre um leproso; Victor Hugo imagina Rodrigo diante do Califa de Granada; José Maria Heredia e Leconte de Lisle tentam ultrapassar o classicismo cornelianiano e reavivar a antiga selvageria do mito espanhol.

O mito de El Cid, o cavaleiro que preferia perder a vida à honra e que jamais se rendeu às fatalidades que teve de sofrer, serviu como uma luva às necessidades de exaltação nacional e de superação do complexo de inferioridade.

El Cid também foi usado como personificação do povo espanhol, um povo cheio de grandes virtudes (honra, coragem, cavalheirismo, determinação, destreza, etc.), mas que sempre foi governado por figuras medíocres. Enquanto o povo almejava alguém grandioso que o guiasse, seus reis, príncipes, presidentes e ministros ocupavam-se somente de invejas e de detalhes sem importância. A frase atribuída a Napoleão – “que grande povo o espanhol, lástima de seus governantes” – foi apropriada pelos regeneradores de direita e de esquerda e foi uma constante do pensamento crítico espanhol na primeira metade do século XX.

## **Dom Quixote**

O grande mito literário da Literatura Espanhola é incontestavelmente o Dom Quixote. Dois grandes pensadores espanhóis debruçaram-se sobre ele e refletiram em profundidade: Ortega y Gasset e Unamuno. Para o primeiro “as coisas materiais são feitas de matéria ou de energia; porém as artísticas, como o personagem Dom Quixote, de

uma substância chamada estilo”. E continua: “cada objeto estético é a individualização de um protoplasma – estilo. Assim, o indivíduo Dom Quixote é um indivíduo da espécie Cervantes”.

As obras de arte literária não se rendem como as obras científicas pela vontade do cientista-pesquisador e as armas de sua instrumentalização. Rendem-se as obras de arte ao culto meditativo, assediadas por nossos pensamentos e muito por nossas emoções.

Por aí caminha-se ao mito literário. Temos que entrar no jogo do faz-de-conta artístico e aderir de todo à simplicidade ou à complexidade da mensagem do escritor que só aparentemente se deixa dominar; na realidade, porém, é ela que vai envolver e marcar o leitor, tanto mais profundamente quanto eficaz seja esta mensagem.

O Dom Quixote não é somente o início da narrativa moderna, é também a própria concepção moderna do que seja a narrativa. Cervantes faz com que seu texto dialogue com as novelas de cavalaria, a gesta medieval, a picaresca, e a novela pastoril, formas narrativas vigentes em seu tempo e as parodia hábil e ironicamente.

O enredo do Dom Quixote está construído em torno de três viagens que empreende o herói; após cada uma retorna à casa que deixara.

Ao fim da terceira viagem vem-lhe a consciência de que estava louco, precisa arrepender-se, recolhendo-se à solidão, a uma realidade marcada pela culpa cristã. Segundo ele agora pensa, só ele estava errado, em meio a um mundo bem ordenado.

De repente percebe o absurdo de seus propósitos cavaleirescos, pede a extrema-unção e dita seu testamento. É nesse instante que Sancho Pança dá-se conta da grandeza da figura de Dom Quixote, com quem teve de padecer tantas adversidades. Por um momento mudam-se os papéis e, enquanto Quixote volta à realidade, Sancho compele-o a não renunciar aos seus ideais. O escudeiro compreende que o projeto de seu senhor era uma loucura, mas ao mesmo tempo entende que a vida sem loucura não merece ser vivida. Então Sancho diz, chorando: “Não se morra vossa mercê, senhor meu, mas tome meu conselho e viva muitos anos, porque a maior loucura que pode fazer um homem nesta vida é deixar-se morrer, sem mais nem mais, sem que ninguém o mate, nem outras mãos o acabem que as da melancolia.”

Como todos os grandes mitos, o personagem de Dom Quixote acabou por abandonar o estrito marco literário em que foi concebido e passou a ser parte do patrimônio coletivo universal. Quixote foi fonte de inspiração de grandes artistas e objeto de reflexão de importantes pensadores. O termo “quixotesco” integrou-se no vocabulário como sinônimo de um idealismo tão exacerbado que leva à perda de qualquer contato com a realidade.

A maior conquista de Cervantes foi certamente a impressão de vida, quer nos personagens quer no ambiente, que o ficcionismo até então não lograra dar.

De maneira geral, podemos dizer que a principal fonte da obra é a própria experiência do autor de uma riqueza profunda. Cervantes tirou o Quixote de si mesmo; os temperamentos de ambos possuem a mais estreita afinidade: eterno idealismo a confundir moinhos de ventos com gigantes, a correr aventuras, numa existência nômade e cheia de revezes, atribulada e sem descanso, foi também a de Dom Miguel.

O homem é feito de elementos vários e descontraídos; em toda alma que palpita sonho há sempre lugar para um pouco de materialidade, e mesmo no indivíduo mais estúpido nem tudo é matéria e solicitação física. Cervantes compreendeu isso, concebendo o Quixote e Sancho como criaturas essencialmente humanas e não como padrões idealistas. Procurou menos estabelecer uma oposição entre os dois do que um acordo: o Quixote e o Sancho mais propriamente se completam do que se repelem.

No livro de Cervantes, a aventura literária mais importante e famosa já conhecida pelos homens, se congregam todos os sonhos, todas as angústias, todas as esperanças, desilusões, pensamentos e ideais da humanidade. Eis porque Dom Quixote se erigiu em mito literário fascinante e é talvez o mais belo tema da Crítica Moderna.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

**BRUNEL**, Pierre. Dicionário de Mitos Literários. José Olympio Editora. Rio de Janeiro 1997

**PIDAL**, Ramon Menendez. España e su Historia. Ediciones Minotau-ro. Madrid 1957

**BRICOUT**, Bernadette. O Olhar de Orfeu. Companhia das Letras. São Paulo 2003

**ROJAS**, Fernando de. La Celestina. Alianza Editorial. Madrid 2004

**BUADES**, Josep M. Os Espanhóis. Editora Contexto. São Paulo 2006

**RIBEIRO**, Renato Janine. A Sedução e suas Máscaras. Companhia das Letras. São Paulo 1988

**SUAREZ**, Álvaro Fernandez. Los Mitos de Quijote. Aguilar Edicio-nes. Madrid 1953

**CERVANTES**, Miguel de. Don Quijote de la Mancha. Edición Dirigi-da por Francisco Rico. Círculo de Lectores S.A / Galáxia Gutemberg S.A. Barcelona 2004